

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Adreana Peruzzo ()
drinis91@hotmail.com

1. Introdução

Propõe-se, neste trabalho, discutir o papel que a literatura infantil exerce sobre a aprendizagem da criança. Para tanto, será discutido o papel da escola no incentivo à leitura, o apoio da família para o crescimento da criança no mundo da literatura, como também, o leitor em sua fase inicial e os estágios para se chegar ao nível de leitor crítico.

O acesso ao ensino da língua materna não tem garantido a competência dos alunos para utilizarem adequadamente a escrita, pois uma parte considerável de pessoas que aprenderem a ler e a escrever na escola não conseguem fazer uso da linguagem em situação de leitura e escrita, porque não são capazes de compreender/interpretar o que lêem. Decodificar os signos não é o suficiente para ter-se familiaridade ou convívio permanente com a leitura.

Para Teodoro (1995, p. 23), o cidadão é como uma planta que, desde a forma de semente, precisa ser cuidada para que cresça forte e bonita. Assim é a leitura. Para se fazer leitores é necessário cultivar os atos de ler e entender. Desde o trabalhador que precisa ler manuais relativos as suas atividades até o advogado que necessita de decifrar os textos legais, passando pelo estudante nos exames, pelo cidadão diante das urnas, pela dona de casa que enfrenta a educação da família e pelo executivo que trabalha com sua papelada, a leitura se faz importante.

Esses livros (feitos para criança pequenas, mas que podem encantar aos De qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... (...) E é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais. (ABRAMOVIC, 1995, p. 10)

Todos os membros de uma sociedade, com maior ou menor

grau de civilização, precisam dominar a escrita e utilizar várias formas de leitura e interpretação de livros, jornais, revistas, relatórios, documentos, textos, resumos, tabelas, formulários, cartas e uma imensidão de outros escritos, mas esses são leitores por obrigação ou por necessidade.

De acordo com Cagliari (1994) a leitura é uma atividade essencialmente ligada à escrita, e como há vários de escrita, assim também haverá os correspondentes tipos de leitura. Já para FREIRE (1998) a leitura não tem fronteiras, compreendendo todo processo de aprendizagem, e que o princípio inicia-se no instante do nosso nascimento.

O hábito da leitura não está, necessariamente, ligado ao poder aquisitivo do cidadão, mas sim, como as pessoas tratam a leitura, individualmente, ou nas famílias, e também como ela é oferecida nas escolas. Muitas vezes, as famílias são “rodeadas” de livros, mas não acham necessidade, não possuem curiosidade e não têm iniciativa e estímulo para conhecê-los.

A escola é um espaço bastante amplo ao incentivo à leitura. Apesar do baixo prestígio à leitura, principalmente da escola pública, pela pouca disponibilidade de meios e recursos, ela ainda continua sendo um dos principais meios de formar leitores críticos, contando, atualmente, em muitas localidades, com o apoio solidário de colaboradores individuais e da comunidade.

A literatura infantil desemboca o exercício de compreensão, sendo um ponto de partida para outros textos, pois com o passar do tempo, as crianças sentem necessidade de variar os temas de leitura uma vez que, a leitura é a forma mais sistematizada de elaboração da fantasia, passando a ter um nível mais elevado de cultura, estimulando a escolha e a crítica de certos textos. Para chegar à situação de um constante desenvolvimento de uma cultura da leitura, é necessária uma conscientização da sua importância para a vida e para formação de um povo, porque não há nação desenvolvida que não seja uma nação de leitores, como nos diz Monteiro Lobato.

A aquisição do hábito de ler não é algo simples para todos. Há àqueles que apresentam resistência até atingir o desenvolvimento pleno como conscientes e verdadeiros leitores. A leitura deve ser

vista como instrumento que leva à transformação da cultura alienante e instrumento à serviço da cidadania. Podemos verificar em Silva, 1995, que ... o ato de ler é uma necessidade concreta para aquisição de significados e conseqüentemente, de experiências nas sociedades onde a escrita se faz presente.

A leitura crítica e não mecanizada leva o leitor à verdadeira ação cultural. Essa leitura é feita por meio de um conjunto de exigências com o qual o leitor se defronta, trata-se de uma determinada complexidade de atos da consciência que são acionados durante o encontro do leitor com uma mensagem escrita, quando está presente com e na mensagem, a partir daí, o leitor toma consciência de que o exercício referente a escrita não visa apenas reter ou memorizar, mas compreender e criticar.

O leitor produz seu próprio texto a partir da leitura crítica, uma vez que, (...) esta se constitui na principal dieta nutricional para o crescimento criativo de um indivíduo (SILVA, 1995, p. 78), assim sendo, a crítica leva o desvelamento do ser leitor. É sabido lembrar que para se chegar ao nível de construir um texto de outro texto o leitor passa por fases onde o único pré-requisito é a capacidade de questionar sobre as coisas do mundo. O saber não se confunde com o saber codificar, pois o acesso ao código não garante o entendimento do significado do texto e nem o desenvolvimento da capacidade de ver além do que é visível aos olhos. A leitura é uma atividade para os olhos e não para os ouvidos. Só a leitura entendida como uma atividade social e reflexiva pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se com um desafio para qualquer processo de democratização e mudança coletiva.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETELHEIM, 1980, p.13)

É na infância que acontece, para a maioria das crianças, os primeiros contatos com os livros e com a leitura. Nessa fase, o incentivo à leitura deve-se fundamentar-se em contextos

significativos à criança e não em contextos isolados e descontextualizados. Porém, tal ensino deve partir das concepções iniciais que a criança constrói nas situações sociais de leitura fora da escola, e que lhe permitam pensar e perceber que a escrita lhe traz percepções significativas. Isso não significa que o leitor iniciante que está em processo de socialização e de racionalização da realidade, bem como o leitor em processo que representa o interesse pelo conhecimento das coisas, passando pelo leitor fluente, fase da consolidação da leitura e da compreensão, e do leitor crítico que é a fase total do domínio da leitura, mereça menos atenção.

A infância é o período mais adequado para haver maior concentração e preocupação no desenvolvimento da leitura, pois é necessário que se mostre à criança o que precisa ser construído por ela no âmbito do aprendizado da leitura, no qual o adulto leitor experiente tem a função de tornar possível a aprendizagem desta atividade. Para facilitar a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita, o adulto deve ler para ela.

Abramovich (1997, p. 23) nos diz que o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor. Ouvir muitas e muitas histórias é importante para se integrar num mundo de descobertas e de compreensão do mundo. Ouvindo histórias pode-se também sentir emoções importantes, como a raiva, a tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade. Enfim, ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, como mais significados e mais compreensões.

É de responsabilidade do leitor adulto, mostrar à criança como os escritos que circulam no cotidiano podem ser utilizados a fim de que a mesma compreenda seus sentidos. A criança só é capaz de compartilhar deste mundo quando compreende o seu significado. Esse descobrimento faz ela descobrir a diferença entre a fala e a escrita, ambos necessários a aprendizagem inicial da leitura.

Diante de toda a complexidade do desenvolvimento da leitura e da escrita, algumas estratégias de incentivo devem ser adotadas pela sociedade em prol da evolução da aprendizagem das nossas

crianças, e além de ser um problema governamental no quesito de investimento de fundos para educação e valorização dos educadores, e também de um alto incentivo familiar, a escola ainda continua a ser o melhor local para se formar leitores.

É importante observar se a escola tem mesmo incentivado as crianças à leitura e à escrita, de forma correta e prazerosa, ou tem vivenciado essas habilidades ainda como forma de punição às diversas situações comportamentais ocorridas em sala de aula, ou ainda, simplesmente usam a leitura e escrita para cumprir com conteúdos já propostos, sem dar aberturas para que as crianças conheçam situações significativas nas quais possam se aperfeiçoarem e sentirem prazer em ler e escrever. Como diz Morais, (1991, p. 98), É nesse sentido que o espaço concretiza a história do grupo na medida em que ele agiliza muitas formas de conhecimento refletido.

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo seu “estar-no-mundo” e reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis. (CAVALCANTI, 2002, p.13)

Para que a escola venha contribuir na formação de pessoas ativas, faz-se necessário que seja aplicada uma pedagogia que valorize a formação humana, propondo às crianças situações de aprendizagem nas quais elas possam se envolver de forma dinâmica e prazerosa. O educador deve procurar estratégias para promover uma aprendizagem que se encontre intimamente à tomada de consciência da situação atual real vivida pelo educando, proporcionando-lhes momentos de sistematização e associação, fazendo com que os recursos utilizados pelos alunos sejam próprios de suas vivências, dessa forma, a leitura e a escrita, que anteriormente, não lhes faziam sentido, passam a ter significado. Freire (1983), nos diz que é fundamental partir de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, que está com o mundo e não apenas no mundo.

Dizer que a literatura é catarse, ou elemento de purificação apenas, é reduzi-la a conceitos demais

limitados. A literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos. (CAVALCANTI, 2002, p.12)

Aprender e ensinar novos universos, eis o desafio ao educador. Para atender às novas exigências da sociedade, é necessário pensar em uma nova postura profissional para que o acesso à leitura e escrita tornem-se algo efetivo e eficaz, pois mesmo com a presença maciça e diversificada de leitura e escrita nas atividades que se realizam nas escolas, vivemos às voltas com altos índices de analfabetismo funcional, evasão e repetência escolar.

Freire (1979, p.58) nos lembra que para ocorrer uma mudança de postura é necessário que haja compromisso em querer mudar. Não se pode permitir que a neutralidade continue permeando diante às situações que são impostas, perpetuando comportamentos manipuláveis pelo sistema educacional que castra qualquer possibilidade de desenvolvimento reflexivo, sendo o homem sujeito de sua educação e não objeto dela.

A criança está imersa, desde o nascimento, em um contexto social que a identifica enquanto ser histórico e que pode por esta ser modificado é importante superar as teses biológicas e etológicas da brincadeira que idealizam a criança e suas possibilidades educacionais.(WAJSKOP, 1995, p.25)

Toda a aprendizagem e o processo sistemático da aquisição da aprendizagem do ser humano se dá socialmente, com as interações que estabelece com o outro e os significados que isso lhe faz sentir. Portanto, a recuperação ou o nascimento do ato da leitura nas escolas será possível se o educador demonstra boa relação com os textos. Se o educador não for um bom leitor e o aluno não perceber o prazer na leitura por parte desse adulto, serão grandes as chances de ele ser um mau professor, refletindo nos pequenos leitores. Como diz WAJSKOP, 1995, que a criança se desenvolve com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado.

Lobato, 1981, nos mostra que por meio da literatura fixam-se aspectos da alma de um povo, ou pelo menos instantes da vida desse povo. Segundo esse pensamento é imprescindível que o poder

público, além de equipar as bibliotecas com bons materiais a leitura, se volta ao reconhecimento do trabalho do docente brasileiro de modo que esse profissional da educação tenha condições, pelo menos satisfatórias, para ler e se atualizar, efetivando a aprendizagem da leitura como mudança social.

É preciso ler, é preciso ler...
E se, em vez de exigir a leitura, o professor
decidiu partilhar sua própria felicidade de ler?
A felicidade de ler? O que é isso, felicidade de ler?

(PENNAC, 1998, p. 21)

Outro ponto a ser valorizado na escola é a forma como a literatura é apresentada à criança. É importante que a escola dinamize e explore a literatura infantil. Quando o professor demonstra prazer em determinadas atividades, desperta também esse sentimento em seus alunos que o observam o tempo todo. O movimentar-se do professor é tão importante e valioso no sentido de exemplo quanto as palavras que dirige aos ouvidos do grupo de crianças que se inclinam para ouvi-lo. Silva (1995, p. 53) nos mostra que a promoção da leitura nas escolas é de responsabilidade de todo corpo docente e não apenas de alguns professores específicos que receberam a responsabilidade de incentivar a leitura. O escritor enfatiza que não se supera uma dificuldade com ações isoladas.

O querer construir uma sociedade de leitores, vai além do sentimento do desejo, vai à atitude. Essa atitude deve ser planejada nas ações das atividades pedagógicas da escola, juntamente com todo com o corpo docente, desde atividades simples, como uma conotação de histórias à tarefas que exijam planejamentos mais elaborados. A forma que cada profissional da educação se engajar validará o sucesso dos objetivos propostos na formação de leitores.

ABRAMOVICH (2004, p. 61), nos traz uma realidade intrigante, provocando uma séria reflexão individual:

Como falar mais de encantamento da história, das emoções sentidas e vividas pelos personagens, das sofrências e alegrias, dos sufocos e deslumbrâncias, se eu deixei passar batido tudo isso em mim ?? Como fazer a criança ou o jovem lerem se eu leio tão pouco?...

Quando o adulto mostra prazer em determinadas atividades, a tendência infantil é de solicitar que lhe deixe espaço para também

executar tal tarefa juntamente com a presença do adulto. É nesse sentido que o profissional da educação, demonstrando que ler é “gostoso”, transfere esse sentimento à criança, que por ser sabido que a leitura é um hábito adquirido dentro de um processo sistemático, o ato de ler funde-se com o cotidiano escolar e extra-escolar da criança, levando-a a construir-se com o hábito da leitura.

É certo as diversas atividades didáticas às crianças, mas é importante que a escola priorize a importância da literatura para que ocorra o hábito do ato ler, despertando na sempre criança a imaginação e conseqüentemente criar nela a curiosidade de buscar e querer ler, passando então, a ser um leitor desde a infância e ser capaz de encontrar na leitura liberdade para muitas prisões sociais colocadas pelo grupo social dominante e explorador, libertar-se da “fábrica de ideologia”, como coloca Renato Ortiz (1994).

Entendemos que o texto literário é constituído por uma grande metáfora, porque nos parece que o sentido metafórico é aquele que remete sempre ao sentido anterior, portanto o significativo, então, apreendemos a escritura como algo que gera possibilidades; assim um texto é sempre outro texto e o sujeito que lê torna-se capaz de viver uma vida simbólica mais rica, fazendo da realidade concreta um palco para vivências significantes. (CAVALCANTI, 2002, p.25)

Constata-se que o ato de ler é um instrumento de grande valia de conscientização e libertação, indispensável à emancipação do homem. Porém, em geral, a leitura não faz parte do cotidiano da grande maioria das pessoas e que não é uma tarefa, nem menos um hábito presente na vida dos cidadãos, infelizmente, desde o gari ao profissional da educação. Os estudantes, por sua vez, lêem por obrigação das tarefas escolares obrigatórias, obtendo-se um número muito restrito dos que lêem por prazer ou hábito.

A maioria das pessoas não vê e nem considera a leitura um instrumento de afirmação e de defesa da liberdade individual, de participação na sociedade, de inserção em determinados grupos e de ver e perceber as diversas formas e as intencionalidades que os fatos sócio-políticos são apresentados nas diversas mídias. É possível que o conscientizar-se só ocorra ou pode ocorrer num processo mais veloz com o contato que é feito com a literatura. É possível

conscientizar-se e adquirir novas formas de comportamentos através da leitura, como pode-se verificar na citação abaixo:

Para educarmos um ser humano, convém saber o que queremos que ele se torne. É necessário indagar para que vivem os homens, ou seja, qual é a finalidade da vida e como ela deve ser. Nós, pais e educadores, devemos estar atentos às mudanças sociais questionando sobre a natureza do mundo e os limites fixados “para o quê” e “para que” *saber e fazer*. (ROSSINI, 2008, p. 8)

Verdadeiros leitores não são apenas decodificadores de signos, reconhecedores de códigos, mas muito além disso, são entendedores do significado dos signos e dos códigos registrados nos livros e nas mais diversas mídias. O leitor consegue procurar na leitura as respostas àquilo que deseja, como por exemplo, desde satisfação e prazer às respostas de inquietações cotidianas.

Para materializar a formação de leitores é necessário motivação, tendo como uma das bases o constante ouvir histórias literárias e, posteriormente, associado ao ato do ler. Outro fator indispensável é a convivência com livros diversos, contendo diversificadas informações, despertando os mais variados interesses dos futuros leitores. Os livros devem ser materiais comuns na vida da criança, onde a literatura é familiarizada como os tantos outros hábitos adquiridos desde a mais tenra idade.

Rossini (2008, p.73-84) nos faz ver que é importante respeitar a faixa etária do leitor e propor temas adequados a idade e aos seus interesses. Também o ambiente da sala de aula influencia para estimular o interesse sobre o tema por meio da utilização de materiais diversos, como fotos, painéis, objetos e amostras. Os materiais concretos são importantes à criança pequena, pois esta ainda está estabelecendo a construção do concreto para o abstrato, despertando no aluno o interesse de conhecer o mundo, tornando-o participativo, libertando-o de alienações, emergindo do egocentrismo infantil e imergindo no altruísmo jovem.

No entanto, essa impregnação está longe de ser um condicionamento. Trata-se sobretudo de uma confrontação da qual a criança conserva determinadas significações, eliminando outras para substituí-las por novas significações. A aprendizagem é ativa no sentido de que não se submete às imagens, mas aprende a manipulá-las, transformá-las, e até mesmo, praticamente, a negá-las. (BROUGÈRE, 1995 p.48)

Os interesses pelas leituras vão modificando-se conforme o desenvolvimento do leitor e de suas novas experiências, tanto de leitura quanto de vivência cotidiana. O que importa aqui é o ato de procurar na literatura o que está em seu desejo de aprender e conhecer. A própria leitura traz diversas possibilidades de interessar-se por novos conhecimentos, que antes, eram desconhecidos ou sem relevância.

Assim, a tarefa de fazer ver a dimensão das várias possibilidades que a leitura é capaz de trazer a qualquer um de nós é da escola e da família, utilizando-se do instrumento primordial que é o ato de ler além da decodificação de signos. A família é a extensão da escola, é um instrumento importante contra a formação de leitores por obrigação. Se família e escola dialogarem havendo comprometimento e apoio de ambas as partes, certamente se formarão leitores competentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fani. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.
- BETELHEIM, BRUNO. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.
- BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez. 1995.
- CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação. São Paulo: Paulus, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1986.
- CUNHA, Maria Antonieta A. Literatura infantil: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FREIRE, Paulo. Educação e conscientização: extencionismo rural. Cuernavaca (México): CIDOC/Cuaderno 25, 1968.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1979

_____. Sem ódio nem violência: a perspectiva da liberdade segundo Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1979.

LOBATO, Monteiro. Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação, 1981.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira & identidade nacional. São Paulo: brasiliense, 1994.

MORAIS, Regis de. Sala de aula, que espaço é esse? São Paulo: Papyrus, 1991.

PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Aprender tem que ser gostoso. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A produção da literatura na escola: Pesquisas x propostas. São Paulo: Ática, 1995.

ZILBERMAN, Regina & SILVA. Ezequiel Teodoro da (org). Leitura: Perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1991.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.

WAJSKOP, Gisela. Brincar na pré-escola.. São Paulo: Cortez, 1995.